

DIRETORES

Antônio Carlos Coutinho Nogueira
José Benedito Coutinho Nogueira Filho

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Carlos Coutinho Nogueira,
Ciro Porto, Ivan SACHA,
José Benedito Coutinho Nogueira Filho,
Liana John, Paulo Nogueira-Ribeiro, Rogério Salbanti,
Sergio Salvo, Suzana Machado Pinke

DIRETOR EDITORIAL

Ciro Porto

EDITORES EXECUTIVOS

Liana John
Valdemar Sobinelli

EDITORES

Luiz Figueiredo
Marcelo Ribeiro

DIREÇÃO DE ARTE

Mathias Jeremias Fortunato

ARTE E PRODUÇÃO GRÁFICA

Mathias Jeremias Fortunato
Renato Marinho

FOTOGRAFIA

Agostinho Matos, Chris Rogina Geffr Leynes,
Haroldo Polo Jr., Henrique Picarelli,
Henrique Queiroz, João Roberto Rodrigues,
Luiz Cláudio Marins, Maurício Paves,
Miguel Patrício de Sousa, Nelson Espinosa,
Octavio Carrasco Salas, Orlando de Matos,
Rafael Henrique Orlant, Saulo Guedes,
Soney Martins, Victor Freitas

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Edson Gonçalves, Eduardo Sosa, Fernando Kasaihi,
Mário Ribeiro, Michele de Oliveira, Mônica Correia,
Tiago Campos, Vandro Fonseca

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Ciro Porto (IMB 20-414)

ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE

DIRETOR - Antônio Wellington da Costa Lopes

GESTÃO COMERCIAL E CIRCULAÇÃO

Rogério Elton Bizon

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO NO BRASIL

Fernando Chingaglia

IMPRESSÃO - Globo Comunicação

PARA ANUNCIAR

Gerência Comercial (19) 3776.6535

Bahia: (71) 3243.3527 / 9134.9547

Brasília: (61) 3372.9100 / 9655.1684

Sede horizontal: (31) 3423.6647 / 9878.6647

São Paulo: (11) 3836.1690

Intermar de São Paulo: (19) 3776.6980 / 915.0323

Mato Grosso/ Mato G. do Sul e Goiás:

05-0235-7446 / 167-96029429

Email: regiane@terragente.com.br

PARA ASSINAR

0800 703 3788

www.zcine.com.br

CANAL

Wesley Paulo Jr.

Equipe de Produção

Programa TerraGente (19) 3776.6535



A revista Terra da Gente é uma publicação mensal da Terra da Gente Produções e Eventos Ltda, uma empresa do Grupo EPTV



DEDO DE PROSA

LIANA JOHN

Berço esplêndido

Em dez anos, vamos dobrar nossas emissões de gases do efeito estufa, apenas por conta das mudanças na matriz energética nacional, independente do que aconteça com as queimadas na Amazônia (nossa principal 'chaminé' de carbono, atualmente). A nefasta contribuição para o aquecimento global virá das usinas térmicas a carvão mineral, a diesel ou a gás natural. Até 2016 pelo menos 8.714 megawatts (MW) serão produzidos por térmicas emissoras de carbono. Somados a outros 5.118 MW de energia de biomassa (com balanço neutro de carbono) e cerca de 15.000 MW já instalados (incluindo as usinas nucleares), as térmicas passarão a representar quase um terço de nossas fontes de energia elétrica, roubando uma fatia até agora dominada pelas hidrelétricas, relativamente mais limpas.

Para a tão desejada aceleração do crescimento, o investimento nas térmicas é um mal necessário. Mas seria mesmo a única alternativa disponível? A julgar pela reportagem de Luiz Figueiredo sobre as inovações tecnológicas na produção de energia eólica, publicada nesta edição, a resposta é não. O potencial de aproveitamento dos ventos no País é alto: 143 GW ou quase dez vezes o total hoje produzido pelas térmicas em operação, somadas. E a indústria nacional ou instalada no País garante ter capacidade de transformar esse potencial em realidade, pois já produz turbinas mais eficientes e pode garantir maior flexibilidade quanto ao tamanho e potên-

cia dos aerogeradores *Made in Brazil*.

Isso, sem considerar a ocorrência de um grande número de dias de sol em território nacional, assegurando condições de explorar muitíssimo melhor a energia solar, seja somente para aquecer a água – e reduzir o uso de chuveiros elétricos – seja para secar grãos ou outros produtos agrícolas, seja como fonte de energia elétrica complementar. E sem contar também outras opções – como a cogeração a partir da gaseificação de bagaço de cana, as diversas fontes de biomassa, a produção hidrelétrica em pequenas usinas de fio d'água –, todas passíveis de instalação rápida, a custos competitivos.

O problema para colocar essas opções na matriz energética não parece ser técnico nem financeiro. Falta, como sempre, opção política. Talvez por termos nascido em berço esplêndido, ficamos acostumados demais com a fartura de rios e o enorme potencial hidrelétrico por eles representado. Como se enorme fosse sinônimo de infinito. Não é.

Já estamos diante de encruzilhadas que exigem planejamento e decisão. Já estamos diante de limites que pedem bem mais do que olhar o mapa e ver qual o próximo rio aproveitável. É hora de levantar do berço esplêndido e reparar melhor no que o resto do mundo anda fazendo.